

Mire veja: miragens e visagens psicanalíticas na leitura de *Grande sertão: veredas*

“Mire veja”: *psychoanalytic mirages and envisages in reading Grande sertão: veredas*

Márcia Marques de Moraes

PUCMinas – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil



Resumo: Cruzamento dos discursos da psicanálise e da literatura na leitura do romance de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*. Partindo da ideia de que o sujeito só se revela pela linguagem, é natural que se estabeleçam os elos entre crítica literária, psicanálise e linguagem. Desse modo, sendo o texto lugar de subjetividade, o texto literário é visto aqui como lugar privilegiado de sua revelação, através dos recursos retóricos. Assim, o objetivo deste texto é apontar uma leitura do romance *Grande Sertão: veredas*, fazendo uso de instrumental psicanalítico.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Literatura; Psicanálise

Abstract: This study is the intersection of psychoanalytic and literary discourses in reading Rosa’s *Grande sertão: veredas*. Based on the idea that the subject is revealed only by the language, it is natural to establish the links between literary criticism, psychoanalysis and language. Thus, the text is where we can find the subjectivity so, literary text is seen here as the privileged place of its revelation, through the rhetorical resources. The objective of this paper is to point out a reading of the novel *Grande sertão: veredas*, by using psychoanalytic instruments.

Keywords: Guimarães Rosa; Literature; Psychoanalysis

Cruzar os discursos da psicanálise e da literatura parece ser, de chofre, uma operação até mesmo redundante – é sabido que a psicanálise tem como matéria-prima a própria linguagem, assim como a tem a literatura. Frise-se, ainda que é, na atividade discursiva, que o sujeito da enunciação emerge, submerso que nela está, desde os primórdios, porque constituído na e pela linguagem, inscrito na cultura, e determinado, pois, pelo “mal-estar” da civilização, vivendo a sempre angústia de precisar tornar sucessivas, no sistema simbólico, no significante “linear”, toda a simultaneidade e difusão de um imaginário recalcado. Assim, o sujeito só se revela pela linguagem em/com que se velou.

Ora, essa operação, pois, até certo ponto, “espontânea” parece ser, também, uma passagem natural na abordagem do texto literário e, conseqüentemente, faz que se estabeleçam os elos entre crítica literária, psicanálise e linguagem.

Explico-me: se o texto é, por excelência, lugar de subjetividade, marcada “gramaticalmente” pelo “aparelho

formal da enunciação”, apropriando-me de título do célebre trabalho de Benveniste,¹ o texto literário seria lugar privilegiado de sua revelação, pois que os recursos retóricos, especificamente, o vezo estético-estilístico são, eles próprios, para além de parte imprescindível de sua gramática, máscaras de que se vale o sujeito para produzir efeitos de sentido.

Assim sendo, trabalhar o enunciado literário, na busca do sujeito de sua enunciação que se fantasia para fazer valer a própria fantasia daquele imaginário recalcado, seria tarefa também inerente à crítica literária na sua missão empenhada de mostrar o aquém do texto em um além da leitura.

Diante disso, a intenção desta fala/deste texto, sem grandes explanações teóricas quer sejam literárias, linguísticas e/ou psicanalíticas, é apontar uma leitura do romance *Grande Sertão: veredas*, valendo-me de

¹ BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação em *Problemas de linguística geral* (v. II). Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas/SP: Pontes, 1989.

instrumental psicanalítico, sobretudo quando este dialoga com “especulações” linguísticas.

Quanto a estas, se, numa primeira visada, pode parecer que se dará um encaminhamento lacaniano à leitura, pois que foi Jacques Lacan quem formalizou, com mais ênfase, a parceria com a linguística jakobsoniana e saussureana, pontue-se, entretanto, que Freud, em seu trabalho com os sonhos, já operava com conceitos de deslocamento e a condensação.² Não nos esqueçamos, ainda, que a própria linguística moderna, bebeu na retórica antiga e que Lacan atribuía o não acesso de Freud ao estruturalismo linguístico do século XX ao fato de a linguística, “ciência-piloto do estruturalismo no Ocidente [ter] suas raízes na Rússia em que floresceu o formalismo”. Lacan continua, expondo causas políticas que impediram o fundador da psicanálise de dialogar com a linguística estrutural: “Genebra, 1920, e Petrogrado, 1920, dizem bem por que seu instrumento faltou a Freud”³.

(Abram-se, porém, parênteses, para pedir desculpas por essa inclinação psicanalítica da leitura do romance rosiano). Freud, em publicação de 1917, já nos precavia quanto à resistência à psicanálise:

Para começar, direi que não se trata de uma dificuldade intelectual, de algo que torne a psicanálise difícil de ser entendida pelo ouvinte ou pelo leitor, mas de uma dificuldade afetiva – alguma coisa que aliena os sentimentos daqueles que entram em contato com a psicanálise, de tal forma que os deixa menos inclinados a acreditar nela ou a interessar-se por ela. Conforme se poderá observar, os dois tipos de dificuldade, afinal, equivalem-se. Onde falta simpatia, a compreensão não virá facilmente.⁴

Para além dessa(s) dificuldade(s), inerentes à própria recepção, há, nos meios literários, uma certa aversão pela condução analítico-interpretativa de leituras literárias – isso é fato! As (a)versões são muitas e desconhecem os avanços do enfoque psicanalítico, na leitura do texto literário. Ainda se calcam, obsoletos, em argumentos que se prendem à patografia e psicobiografia do autor e à psicopatologia das personagens, sujeitos de papel, sem perceberem que as análises psicanalíticas do texto literário vêm, gradativamente, assumindo a obra, o texto literário, em sua “corporeidade” estrutural tecida por uma rede de imagens. Assim é que, mesmo o trabalho de cunho psicobiográfico de Jean Laplanche, de 1961 – *HordelinetlaquestionduPère* – já fazia também dialogar psicanálise e filosofia; a psicocrítica, de 1963; os estudos de André Green, de 1971 e a textanálise, de Bellemin Noel, de 1988 vão delineando, num crescendo, um trabalho de leitura do texto literário, de fundo psicanalítico, marcadamente voltado para o complexo de imagens que o constitui ou que nele se constitui.⁵ Certamente,

essa visada é pressuposta por um contexto cultural que a favorece – a produção dos estudos lacanianos – e implica, o que é de suma importância, a não existência/exigência de um sentido, que Perrone-Moisés qualifica como “último e definitivo”, justamente em um ensaio que tece considerações psicanalíticas sobre o conto “Nenhum, nenhuma”, de Guimarães Rosa. Aliás, valeria a pena lembrar que, nesse texto, a autora atribui aos estudos de Lacan e seus discípulos “a possibilidade de evitar alguns escolhos da leitura psicanalítica da obra literária”, permitindo: (1) lembrar que o texto literário é, antes de mais nada, obra de linguagem; (2) abandonar a miragem de uma interpretação última e definitiva; (3) privilegiar a produção do sentido e não a troca enganosa de sentidos plenos e prévios; (4) dispensar o biografismo, que confunde sujeito falante com enunciador.”⁶ Nas franjas dessa crítica que menciona, ainda, o quase aforismo lacaniano – “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, aludindo à proposta de Lacan de “um trabalho de tipo sintático, que busca captar a cadeia de significantes e não o significado último”, ousamos ajustar o “dial”, para reafirmar não apenas que **qualquer** interpretação seria miragem e troca enganosa, como, ainda, privilegiar o processamento de sentido e não sua produção como foco do trabalho analítico. Nesse processamento, o trabalho sintático na/da cadeia significante perseguiria os pontos de estofo, pontos de basta – *points de capiton*, na terminologia lacaniana –, isto é, momentos na cadeia em que um significante afivela um significado, ata-se a um significado para produzir uma significação. Nessa óptica, a crítica literária de inclinação psicanalítica persegue não uma realidade *a priori*, mas a realidade em processamento do desejo, velado e desvelado no discurso, inscrito e escrito na letra. Esse ponto de afivelamento é a própria imagem da enunciação do sujeito que se manifesta *hic et nunc*, aqui e agora, e que, volátil e errático, sofre, imediatamente, o *fading* barthesiano, apontando a real experiência do vazio, da vacuidade, travessia do humano. Os ensaios do sentido seriam, pois, miragem (lembremos do “mire veja” rosiano, imagem “circular” repetida à exaustão) – à medida que se avança no deserto da representação também a miragem recua.

² ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 148-149.

³ LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 813.

⁴ FREUD, S. “Uma dificuldade no caminho da Psicanálise” em *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (1918 [1914]). Trad. Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 171-179 (ESB, 17).

⁵ Cf. PASSOS, Cleusa Rios P. Passos. As dívidas da trajetória: possíveis confluências em *Confluências* – crítica literária e psicanálise. São Paulo: Edusp/Nova Alexandria, 1995, p. 15-24.

⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Nenhures: considerações psicanalíticas à margem de um conto de Guimarães Rosa em Flores da escrivainha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 112.

É nessa pauta que leríamos o romance rosiano do ponto de vista psicanalítico – uma obra construída através de um trabalho com a linguagem, com o código linguístico, visando à recuperação de um impossível sentido original, não desgastado pelo uso, pelo poder de troca. Tal obsessão encenaria o impossível real, o indizível, o para sempre perdido, legando-nos a experiência, a um tempo frustrante e ilusória, do real apenas bordado, pontuado pois, como fenda, vazio – buraco sem fundo.

No entanto, essa condução de leitura implica miragens graduais, reiteração do “nonada”, da impossibilidade, São elas que nos facultam interpretações provisórias, de cunho hermenêutico, através do exame do trabalho com o significante literário, aqui tomado em sentido lato; são elas que aplacam a angústia do leitor diante de um *nonsense*.

Antes de passarmos ao texto rosiano, é justo recuperarmos uma crítica que ousou ler Rosa também com inclinações psicanalíticas. Citaria, na fortuna crítica do autor, Dante Moreira Leite que, já em 1961, em artigo para *O Estado de São Paulo*, publicado depois em *O amor romântico e outros temas* (1979), já aventava a hipótese de se ler a narrativa de Riobaldo como “a longa e (talvez interminável) sessão psicanalítica de Riobaldo”. A recuperação desse crítico/dessa Crítica psicanalítica se fez/faz através de Adélia Bezerra de Menezes, no texto “*Grande Sertão: veredas e a “psicanálise”* (entre aspas) de Riobaldo”, ela também autora de ensaios críticos de inclinação psicanalítica, conforme se pode ler em publicação recente, *Cores de Rosa. Ensaios sobre Guimarães Rosa*.⁷ A autora constata que Moreira Leite lê o pacto do romance através do texto freudiano “Uma neurose de possessão demoníaca no século XVII”, em que o demônio encarnaria, para a criança, aspectos negativos da figura paterna, mas adverte que, embora ele aponte, “magistralmente”, “a ideia mestra de GVS como a psicanálise de Riobaldo”, não a desenvolve. Advertindo que seu “objetivo é bordejar essa proposta”, não implicando “a veleidade de psicanalisar a personagem”, Menezes confessa que “até nos instigaria a tal, com seu ‘romance familiar’ sugestivo (a falta do pai, a presença exclusiva da mãe, o apego às figuras paternas com que cruza, como Zé Bebelo e, fundamentalmente, Joca Ramiro) (...)”. E prossegue: “Na realidade, o que me interessará neste momento é exclusivamente o seguinte: nesse romance, que se desdobra como um ‘monólogo inserto em situação dialógica’, como formulou Roberto Schwarz, e em que o narrar se afigura como busca desesperada de sentido para o vivido, é a verbalização de situações existenciais na presença de um Outro, ou melhor, para um Outro, que fornece a possibilidade de reorganizar o próprio mundo interior”⁸.

Na proposição da autora, percebe-se um extremo cuidado para não correr o risco de “psicanalizar” Riobaldo, embora se declare instigada a, por exemplo, operar com a “categoria” “romance familiar”, da lavra freudiana, na leitura da narrativa rosiana. Cabe refletir, no entanto, se o diálogo com o texto freudiano também inserto no texto rosiano, se o “romance familiar” inserto no “romance rosiano”, não nos proporcionaria examinar aquilo que o mesmo Schwarz observa quanto à obra de Guimarães Rosa “[que] tem a *virtude* (itálico do autor) de colocar o experimento estético no nível da consciência, de reivindicar para ele a condição acordada”⁹. Entendendo que a observação de Schwarz, tão precoce na recepção do romance rosiano, pois datada de 1960, em que, por rechaçar o “irracionalismo” que, nas entrelinhas aproxima do “pré-consciente”, acaba, por contemplar, ainda que por exclusão, o inconsciente, merece destaque, alongo-me na citação: “[A obra de Guimarães Rosa] Não partilha a profunda nostalgia de irracionalismo representada, em última análise, pela pesquisa exclusiva dos níveis pré-conscientes. Sua audácia é mais audaz, pois não se escora no caráter informe dos estados anteriores à formulação; realiza-se ao criar um poderoso jorro verbal, em cujo curso e sintaxe a palavra adquire qualidade poética”¹⁰. Assim me parece que, se categorias psicanalíticas de cunho freudiano subjazem à construção do romance rosiano, não seria o caso de escavá-las numa operação diretamente hermenêutica; mas, sim, de percebê-las no “experimento estético” feito forma no “jorro verbal, em cujo curso e sintaxe”, o poético se atualiza. Aqui a psicanálise lacaniana, reivindicadora da primazia do significante, encontraria sua função no trabalho analítico do texto rosiano, na sua sintaxe mesma, que o próprio Schwarz identificou como solicitadora de uma leitura “lançadeira”, explicando:

O discurso anuncia uma direção, lança uma *gestalt* que se sobrepõe à gramática e tem força para incorporar, segundo a sua dinâmica de sentido, os segmentos mais diversos; estes não precisam entrar em conexão gramatical explícita, podem simplesmente se acumular, guardando seu modo de ser mais próprio; não é a sintaxe normativa que determina seu posto, ainda que quando com ela concordam; enquadram-se

⁷ LEITE, Dante Moreira apud MENESES, Adélia Bezerra de. *Cores de Rosa. Ensaios sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010, p. 21.

⁸ MENESES, Adélia Bezerra de. *Grande Sertão: veredas e a “psicanálise”* de Riobaldo em op. cit., p. 21/22.

⁹ SCHWARZ, Roberto. *Grande – Sertão: a fala em A sereia e o desconfiado*. São Paulo: Paz e Terra, 1981, p. 39. Essas considerações foram inicialmente levantadas em MORAIS, M. “A subjetividade ensaiada pela crítica” (cap. I) de *Travessias do sujeito. As representações da subjetividade em “Grande Sertão: veredas”* (tese de doutorado/Depto de Teoria Literária e Literatura Comparada/USP, 1999).

¹⁰ Idem, *ibidem*.

na configuração (referentes, misturadamente, a dados sensíveis e emocionais), visando uma recriação quanto possível integral da experiência. Trata-se de uma espécie de técnica pontilhista.¹¹

A afirmação do crítico como que ressoa a visão que Lacan tem da própria sintaxe do inconsciente quando toca no *point de capiton* a que já nos referimos, – se o crítico continua, reiterando, “importante não é o desenho lógico da sucessão, mas o acúmulo: o efeito é dado pelo curto-circuito (recurso poético) entre segmentos cuja ligação gramatical, fosse importante, seria precária.”¹² (p. 380-381), Lacan conceituara ponto de estofo como “espiral recorrente, pela qual se apreende a significação da frase (...) já que o sentido insiste é na cadeia do significante, sem que nenhum de seus elementos, isoladamente, consista na significação”¹³. Sob esse ângulo, parece-me, se se perscrutam, na narrativa/no discurso do sujeito narrador de *Grande Sertão*: veredas, a insistência de (im)possíveis sentidos, não processados por quaisquer elementos isolados, mas pontilhados e repetidos na cadeia significante, tomada num sentido dilatado – a própria estrutura do romance; a sintaxe de suas frases, incluindo a sintomática pontuação; o amálgama de formas mínimas na construção do léxico que, misturando diacronia (etimologia/arcaísmos) e sincronia (neologismos) – e se se observam elementos que evoquem categorias psicanalíticas de ordem interpretativa, não se estaria, de forma alguma, psicanalizando personagens. Não se estaria, com base em seu discurso, deduzindo traços de uma estrutura psíquica e/ou comportamental; estaríamos sim, examinando a linguagem, no caso da literatura, estética e retoricamente construída, e, através da escuta do texto e da leitura flutuante, não negligente (pelo contrário, adverte Green)¹⁴, seríamos levados a uma inevitável representação (marcada pela não representabilidade e, logo, pela provisoriabilidade). Se, então, afetam o leitor categorias desejantes da ordem do romance familiar, quais sejam, a bastardia, o desejo de uma outra família, a preservação simbiótica da mãe, a carência paterna etc., etc., etc., não significa, necessariamente, a “psicanalização” da personagem de papel e, ainda mais, do narrador que se representa por um discurso. Nesse sentido é que desenvolvemos pesquisa, publicada posteriormente¹⁵, amparada, inclusive, em declaração de Guimarães Rosa a Gunter Lorenz. Perguntado pela relação da literatura alemã com sua obra, o autor realça, literalmente; “(...) a importância monstruosa, espantosa de Freud.”¹⁶ Essa importância, inclusive, para além da leitura psicanalítica de *Grande sertão*: veredas que se ousou, foi destacada na pesquisa referida, pontuada por momentos textuais em que não só havia ecos muito fortes dos escritos freudianos, como, ainda, matreiras alusões

indiretas ao fundador da psicanálise. Embora açulados por trazer aqui tais momentos, interessantíssimos, à guisa de nos consolarmos com apenas um, vale a pena, transcrever aquele já posto em ato por quantos ousaram/ousam cruzar GSV e o discurso psicanalítico: “O senhor é de fora, meu amigo, mas meu estranho. Mas talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo.”¹⁷ Acrescente-se a essa “defesa”, palavras, não recuperadas de todo literalmente, do crítico João Luiz Lafetá (1946-1996), com quem iniciamos pesquisa de doutorado e que, perplexo, se perguntava quanto ao fato de se operarem com categorias históricas ou políticas ou sociológicas, dando “nome aos bois” (aqui sou literal) quando era preciso nomear um operador teórico, na leitura do texto literários e ter de se desculpar tanto quando se tratava de psicanálise... Talvez por essa censura, a psicanálise acabe deixando vestígios em críticas de outra ordem. É surpreendente, por exemplo, no texto de Luiz Costa Lima, de 1963, sobre *Primeiras estórias*, ler: “(...) a palavra caminha solta. Não tem que seguir leal os contornos do acontecimento. Ela antes se confunde com uma pincelada solta, irregular, que menos visasse a distinguir as criaturas do seu contorno do que os (*sic*) apreender simultaneamente. A descrição, por isso, se faz conscientemente imprecisa e cumulativa. O autor não se contenta com a afirmação em linha reta e faz do seu mesmo descontentamento verbal a sua forma de riqueza. As imagens se acumulam, não se diluem em discurso, nem se represam paradas em si mesmas. Ao contrário, elas se lançam adiante em ritmo cumulativo. Daí, então que as vírgulas passem não a separar circunstâncias, ou seja, fragmentos de um assunto uno. Elas agora pontilham segmentos constelados, que, diversos e autônomos, foram, no entanto, compostas pela ação de um olho englobador”¹⁸ (p. 502). Impossível não retornarem as imagens da sintaxe lacaniana, espiralada, com pontos de afixamento esparsos de significantes

¹¹ Idem, p. 39-40.

¹² Idem, ibidem p. 40.

¹³ LACAN, Jacques apud LEMAIRE, Anika em *Jacques Lacan*. Uma Introdução. Trad. Durval Checchinato. Rio de Janeiro: Campus, 1979, p. 81.

¹⁴ GREEN, Andre. *O desligamento*. Psicanálise, antropologia e literatura. Trad. Irene Lubria. São Paulo: Imago, 1992, p. 16.

¹⁵ MORAIS, Márcia M de. *A travessia dos fantasmas*. Literatura e psicanálise em *Grande Sertão*: veredas. Belo Horizonte: Autêntica/Editora PUCMinas, 2001, 174 p.

¹⁶ LORENZ, Gunther. Diálogo com Guimarães Rosa em COUTINHO, Eduardo G. (org.) *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 88. (Coleção Fortuna Crítica, 6).

¹⁷ ROSA, J. Guimarães. *Grande sertão*: veredas. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965, p. 33. Todas as citações do romance são retiradas dessa edição e, a partir de agora, serão referenciadas apenas com as iniciais GSV e a paginação)

¹⁸ LIMA, Luiz Costa. O mundo em perspectiva em COUTINHO, op. cit., p. 502.

e significados, sempre cumulativos, simultâneos, não linearizados. Impossível não se ouvirem ecos do que dissera Schwarz sobre a sintaxe do romance: lançadeira, pontilhista, “*gestalt*-ista”.

Importante, ainda, é a referência aos trabalhos de Cleusa Rios Pinheiro Passos, não apenas com sua publicação estritamente rosiana, sobre o feminino em Guimarães Rosa¹⁹ como, ainda, por toda sua pesquisa sobre as confluências entre crítica literária e psicanálise, que alcança inúmeros outros autores: Cortázar; Machado de Assis; Oswald de Andrade; Carlos Drummond de Andrade; Murilo Mendes; Cecília Meireles; Clarice Lispector; Chico Buarque; Manuel Bandeira; Dionélio Machado etc.²⁰. Vale a pena transcrever “o modo de mirar”²¹ da autora quanto à função e limites da psicanálise, no respeito ao “*estatuto ficcional das personagens*” (destacado por ela em itálico), que “não só exige uma perspectiva analógica, como restringe o acesso ‘pleno’ ao discurso psicanalítico, seja pela ausência de uma fala engendrada no divã e suas consequências fora dele, seja pelo empréstimo de conceitos deslocados de sua esfera de origem. Tal suporte sofrerá fragmentações e perdas, mas propiciará ganhos ao literário, na tentativa de se adentrar o misterioso universo rosiano, coexistindo, assim, necessariamente, com elementos do mito, religiosidade, tradição literária etc.”²².

Antes de passarmos ao trato psicanalítico de um excerto, que considero estratégico na “escritura” (destaco!) do romance, há que se fazer menção a bom número de produções críticas, de inclinação psicanalítica, da obra rosiana, sobretudo a partir dos anos 90, quando, parece, exacerbou-se a recepção da obra de Guimarães Rosa, propiciada, também, por importantes eventos internacionais e nacionais sobre o autor e que se traduziram em publicações importantes.²³

Isso posto, examinemos o episódio da “Guararavacã do Guaicuí”, não por acaso localizado no meio do livro, o que por si já implica um “significante” estruturante/estruturador do discurso do narrador Riobaldo, matéria por excelência do romance.

Vamos a ele:

Se o romance rosiano, em termos estruturais, comporta duas partes e está simetricamente dividido, ‘repartido ao meio’, parece-nos instigante observar essa guinada ‘para uma segunda parte’, recordando, inicialmente, dois argumentos, já bastante apontados pela Crítica, para marcar essa divisão: (1) a mudança na ordem do relato – mais associativa, mais ‘simultânea’, mais antecipatória e menos cronológica, na parte inicial, contrapondo-se a uma maior cronologia e prospecção e certa linearidade, a partir da metade do livro; (2) a questão do ‘meio’ – recorrente na obra de Guimarães Rosa, como observara, enfaticamente, Sperber (1982).

Essas observações genericamente postas solicitam, evidentemente, que se vá então ao meio de *Grande sertão: veredas*, no intuito de o examinar. No romance, estará lá o episódio da Guararavacã do Guaicuí como marco dessa mudança. Nele vamos encontrar a passagem em que Riobaldo relata “o tempo que paramos na Guararavacã do Guaicuí regulou em dois meses” (GSV, p. 222).

A crítica também se tem referido a tal episódio, como sendo central no romance; no entanto, esse “central” tem sido considerado como “o do centro” e da mudança de perspectiva²⁴ e não como fulcral, como “magmático”, no sentido de algo que, incandescente, no interior da narrativa, esteja articulando uma parte à outra.

É, nesse sentido, que gostaríamos de trabalhar a leitura de *Grande Sertão: veredas* aqui proposta, advogando a ideia de que, se, segundo Riobaldo, “[naquele] lugar, no tempo dito, (...) meus destinos foram fechados” (GSV, p. 220), a Guararavacã seria como que um lugar mítico, onde se encerra um ciclo e se abre um outro, na vida do narrador e onde destinos, fatalidades, determinações se impuseram.

Já vimos, há muito, trabalhando com essa hipótese, inclusive, em publicação já citada. No entanto, mais força ela ganhou, em maio de 2006, quando, na abertura do *Seminário Internacional Guimarães Rosa. Grande sertão: veredas e Corpo de baile – 50 anos*, promovido pelo IEB/USP, o crítico Antonio Candido legou à platéia uma quase “confissão” que lhe fizera Guimarães Rosa, ao dizer que, na Guararavacã do Guaicuí, estaria “uma chave para a leitura do romance”²⁵. De qualquer forma, escutar isso foi bastante alentador para esta condução de leitura a que me

¹⁹ PASSOS, Cleusa Rios P. *Guimarães Rosa. Do feminino e suas estórias*. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, 2000, 247 p.

²⁰ Cf. PASSOS, Cleusa Rios P. *As armadilhas do saber*. São Paulo: Edusp, 2009, 204 p.

²¹ Menção a outro título de PASSOS, Cleusa. *O outro modo de mirar. Uma leitura dos contos de Julio Cortázar*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, 175 p.

²² PASSOS (2000), p. 18-19.

²³ Destaco aqui os três Seminários Internacionais Guimarães Rosa, em Belo Horizonte, em 1998, 2001 e 2004, uma iniciativa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUCMinas, por sua repercussão nacional e internacional e por seus resultados em publicações – três números especiais da *Revista SCRIPTA* (n. 3, de 1998; n. 10, de 2002 e n. 17, de 2005) e três livros, *Veredas de Rosa I, II, III*, datados, respectivamente, de 2000, 2003 e 2007.

²⁴ Cf. GALVÃO (1986, p. 104); NUNES (1983, p. 21); ROSENFELD (1993, 176-217); SPERBER (1982, p. 111-146); UTÉZA (1994, p. 390-403).

²⁵ Na apresentação de trabalhos do GT – Teoria da Narrativa, no XXI Encontro Nacional da ANPOLL, em 2006, a professora Dra. Maria Célia de Moraes Leonel, debatedora do texto que contempla a análise do episódio da Guararavacã do Guaicuí, intitulado “– Ali, meus destinos foram fechados”: uma leitura em perspectiva de *Grande Sertão: veredas*”, presente também no evento do IEB, foi quem precisou melhor a fala de Antonio Candido, razão por que uso aspas. Tal texto foi publicado, posteriormente, em GOBBI, Márcia V. Z., LEONEL, M. Célia, TELAROLLI, Sylvia (orgs.). *Narrativa e representação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007, p. 33-44 e republicado em coletânea que contempla “técnicas” de leitura – MARI H.; WALT Y I. & FONSECA M. Nazareth. *Ensaio sobre leitura* (v. 2). Belo Horizonte: PUCMinas, 2007, p. 257-268, com o título “*Grande Sertão: veredas – uma leitura em perspectiva de romance*”.

tenho proposto, certa de que ela é apenas uma, provisória, miragem sempre no deserto da representação.

Para prosseguir com nossa argumentação, faz-se necessário retomar a passagem por aquele *locus amoenus*, parafraseando-a e analisando-a, no sentido de ouvir ali ecos de outros momentos da narrativa, para enfatizar as reiteraões e repetições como categorias consideráveis do discurso psicanalítico. A importância daquele lugar fica patente já que Riobaldo o repetirá; aquele “significante”, o nome, insistirá na escrita e na oralidade, como grafema e como fonema, sublinhando a imagem também a ser vista: “A Guararavacã do Guaicuí: o senhor tome nota deste nome”; “Guararavacã – o senhor veja, escreva”; “Guararavacã. O senhor vá escutando” (GSV, p. 220).

Assim, depois do memorável julgamento da Sempre-Verde, tendo partido Zé Bebelo e deixado “o mundo à revelia”, Riobaldo e Diadorim se dirigem para aquele lugar mítico, onde descansam dois meses. Diante de um tempo que escorre, vem a Riobaldo a ideia de “tudo só ser o passado no futuro”, e ele se lembra do “não-saber” (GSV, p. 218). Se a expressão de Riobaldo já foi apontada por Utéza como um empréstimo de *A República*, de Platão²⁶, e se sua fala ecoa a reminiscência platônica, aspecto teórico enfatizado por Benedito Nunes ao estudar o tempo no romance de Rosa²⁷, recordemos que Riobaldo também se referirá a Diadorim como “Diadorim vinha de meu não-saber e querer” (GSV, p. 236).

Tais observações pretendem enfatizar a recordação do narrador como uma introspecção de cunho inquisitivo, aproximando-a, pois, da anamnese platônica, da reminiscência, reatualizada pela psicanálise como recurso possibilitador da catarse e do preenchimento de lacunas da memória, mas sempre prisioneira de um mundo fantasmático. Se, nos primórdios da prática terapêutica, procurou-se vencer o bloqueio da memória através da hipnose e, mais tarde, pela associação livre, visando ambas as técnicas à reminiscência, Freud acabou percebendo que a resistência a essa reminiscência acontecia pela repetição compulsiva, recurso “retórico” insistente na construção do romance, constituído pelo discurso do narrador – no afã de atingir a verdade olvidada e de, inconscientemente, recusar-se a ela, o sujeito não recordaria o esquecido e recalçado, mas o expressaria pela atuação, repetindo-o²⁸.

Depois dessa pontuação teórica, voltemos ao cenário da Guararavacã, aqui excessivamente recortado

e tecido com o vagar de um tempo que retorna e com muita languidez. Nele, tomado de uma sonolência entorpecedora, Riobaldo dorme e, ao despertar, depara com o amigo a vigiar-lhe o sono ou a velar-lhe o sono, se, espertamente, se usa um tom maternal, insinuado já pelo narrador que fala em “(...) De Diadorim ter vindo, e ficar esbarrado ali, esperando meu acordar e me vendo meu dormir era engraçado, era para se dar feliz risada” (GSV, p. 219).

Então, Riobaldo percebe Diadorim pelos olhos, novamente, repetidamente, tal como acontecera na travessia entre o São Francisco e o de-Janeiro, quando, siderado pelos “olhos, aos-grandes” (GSV, p. 80) do Menino, dissera: “Olhei: aqueles esmerados esmertes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas, luziam um efeito de calma, que até me repassasse” (GSV, p. 81).

Riobaldo, agora na Guararavacã, confessa: “Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a ideia da gente não dá para se entender – e acho que é por isso que a gente morre.” (GSV, p. 219).

O verde muda, transmuta-se “como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados” (GSV, p. 219), usando um símile do próprio narrador. O verde é arenoso, mas tão moço, o que faz ler, pela adversativa, uma contraposição entre um verde que seria moço, jovem e um “verde arenoso”, denotador do antigo, do velho, da velhice, sem nos esquecermos de que esse “arenoso” se reportará, pela reiteração do significante “arenoso” a Joca Ramiro, o pai morto, matado que “pousou, enterrado em chão arenoso” (GSV, p. 236), naquele discurso onírico, depois da Guararavacã e que encima a segunda parte do romance, como se verá mais adiante.

De qualquer modo, já se insinua, pelo significante “arenoso”, um deslizamento do verde dos olhos diadorínicos para um campo semântico relativo à velhice, a uma certa antiguidade mítica, a um tempo passado em que se contavam “coisas que a ideia da gente não dá para se entender”, em que se encontram a mãe Bigri e a memória de um pai desconhecido e/ou mesmo de um pai morto, matado...

Esse deslocamento dos olhos, metonimicamente ligando Diadorim e a Bigri, já merecera uma sintomática fala de Riobaldo, quando se reencontra com o Menino, então Reinaldo, um jagunço do bando dos ramiros, na casa do Malinácio.

Ouçamos o narrador: “Aguentei aquele nos meus olhos, e recebi um estremecer, em susto desfechado. Mas era um susto de coração alto, parecia a maior alegria”. E continua: “Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas” (GSV, p. 107) e, ainda, “Mas me reconheceu, visual. Os olhos nossos donos de nós dois” (GSV, p. 108).

²⁶ UTÉZA, Francis. *Metafísica no Grande Sertão*. Trad. José Carlos Garbuglio. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 250.

²⁷ NUNES, Benedito. A matéria vertente. In: *Seminário de Ficção Mineira II: de Guimarães Rosa aos nossos dias*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1983.

²⁸ Cf. FREUD, S. *Recordar, repetir e elaborar* (1914). Trad. José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 196-197 (ESB, 12).

A partir desse reencontro, marcham juntos, no bando, Riobaldo e Reinaldo e, antes da primeira batalha que viria a ser contra os bebelos que caçavam jagunços, num momento de descanso na casa do preto Pedro Segundo de Rezende, se escutará de Riobaldo uma outra estranha referência aos olhos de Diadorim, quando este lhe pergunta sobre o destino e a amizade que os unem. Nesse momento, o narrador diz: “Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe. Então, eu vi as cores do mundo” (GSV, p. 115).

Parece explícita, de novo, a metamorfose que se opera entre os olhos doces do amigo e os velhos olhos da mãe, sem descuidar que tal trecho ecoa aquele outro do primeiro encontro também relativo à mudança refletida nos olhos, quando Riobaldo treme, na canoa bamba da travessia do rio, inseguro diante da coragem do Menino: “Os olhos, eu sabia e hoje ainda mais sei, pegavam um escurecimento duro. (...) Mas eu agüentei o aque do olhar dele. Aqueles olhos então foram ficando bons, retomando brilho. E o menino pôs a mão na minha” (GSV, p. 84).

Se, no reencontro com o Moço, o efeito causado pelos olhos se expressa por “Então, eu vi as cores do mundo”, lá na canoa da travessia, Riobaldo declarou: “Amanheci minha aurora” (GSV, p. 84). Ambas as expressões se repetem em metafórica referência a um nascimento/renascimento, o que tornaria a fundir a mãe que dá luz ao filho e o amigo que o fez renascer para as cores do mundo. A esse trecho relativo a, literalmente, “os afetos”, referidos na transformação de olhos que se misturam – os do amigo e os da mãe –, segue-se aquela fala perplexa de Riobaldo para seu interlocutor: “A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar” (GSV, p. 114). Impossível, ainda, não tocar na insinuação presente naquele “Os afetos”, frase nominal, solta e que, para Freud, seriam: “reproduções de acontecimentos antigos de importância vital e, eventualmente, pré-individuais”²⁹ Acaso? Na linguagem rosiana? Dá para “passar batido” e não levar em consideração?...

Essas falas destacadas de Riobaldo, ao referir-se aos olhos de Diadorim, marca incontestemente do amigo no imaginário do nosso jagunço-narrador, apontariam, pois, como estamos sugerindo, uma espécie de simbiose entre Diadorim e a mãe Bigri. Os olhos, metonimicamente, trariam ambas as figuras e, no discurso, é como se elas sofressem uma conversão, representando a co(n) fusão no/do imaginário, a refletir-se na ordem (des-ordem? ou outra ordem?)³⁰ simbólica.

Assim, naquela Tapera Nhã, da Guararavacã do Guaicuí, os olhos de Diadorim, vigiando o sono de Riobaldo, levam-no a repetir as referências misturadas de outros momentos da narrativa, a fazer (ou sofrer) “transferências”³¹: para Diadorim se deslocaria um desejo mais antigo e estruturante, aquele pela mãe – é

o que tentamos demonstrar, através do próprio discurso do narrador, da linguagem e de suas figurações metonímicas.

Se os olhos de Diadorim a lembrarem outros de velhice, na metonímia da parte pelo todo e na convergência para ela de dois amores, vale a pena retornar ao cenário da Guararavacã, no intuito de enfatizar, através de outras marcas linguísticas, tais misturas. Vamos lá.

O contexto daquele lugar de descanso é prenhe de erotismo, e o desejo de conjugar macho e fêmea se insinua e se representa na fala sobre os casaizinhos de quem-quem, sempre aos pares e na observação de que era tempo de macuco andar desemparelhado. Aliás, é um desses macucos sem par que leva Riobaldo a gritar por Diadorim: – “Vigia este, Diadorim!”, e a completar: “O nome de Diadorim que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – Diadorim, meu amor...” (GS;V, p. 221), o que produz nele grande excitação, diante do que, o narrador continua: “Mas – de dentro de mim: uma serpente. Aquilo me transformava, me fazia crescer dum modo que doía e prazia. Aquela hora, eu pudesse morrer, não me importava (GS;V, p. 221).

Fica patente a pulsão do desejo por Diadorim, a partir também de estímulos sensoriais – da vista, da audição, do tato, do paladar –, repetindo-se, no episódio, um deslizamento também metonímico, já que os “índices” que a realidade fornece trazem fantasmas do esconso lugar chamado inconsciente, como nos ensina Freud.

No entanto, esse Diadorim é, a um tempo, para Riobaldo, estranho e familiar, um duplo como se pode ler no texto freudiano *Das Unheimliche*³².

Percebamos isso através da explicação que ele dá ao interlocutor quanto ao ato falho daquela declaração de amor – “Diadorim, meu amor...”:

Como eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular por fantasma, apartado completo do viver comum,

²⁹ HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 102.

³⁰ Cf. MORAIS, Márcia M. de. “Riobaldo e suas más devassas no contar”, in: DUARTE, Lélia P. e ALVES, M. Theresa Abelha. *Outras margens*. Estudos da obra de Guimarães Rosa. Belo Horizonte: PUCMinas/Autêntica, 2001, p. 151-172,

³¹ Proença já se dera conta disso, dessas misturas de amores, em 1956, quando, ainda, nem se vislumbrava o instrumental psicanalítico como vertente importante na leitura do texto literário: “Os olhos do Menino eram verdes, cor das palmas, e quando Riobaldo os reencontra no moço cangaceiro, antes de reconhecer o amor tormentoso, faz a **transferência reveladora**: ‘doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice de minha mãe’” (Proença, 1958, p.56 – destaque meu).

³² FREUD, S. O estranho em *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (1918 [1914]). Trad. Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 273-315 (ESB, 17).

desmisturado de todos, de todas as outras pessoas – como quando a chuva entre-onde-os-campos. Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim – que não era de verdade. Não era? (GSV, p. 221)

Nela se escuta não só o eco de uma culpa outra, de uma “vergonha maior” como, ainda, a insinuação do duplo Diadorim – “um Diadorim assim meio singular, **por fantasma**”. Os negritos chamam a atenção para a expressão que, em si, também ecoa o **profantasma** freudiano, a “exprimir de modo originário uma vida pulsional (...)”, fazendo que uma “realidade psíquica” se represente, de fato, pelo mundo fantasmático³³. “Aquele Diadorim” – que não era [e era] de verdade [devia ser] desmisturado de todas as outras pessoas – como quando a chuva entre-onde-os campos”, condensando, ainda outra vez, no discurso, um Diadorim com outra pessoa, cujo expressão hifenizada e aposta, referida à chuva, retraz a Bigri que “morreu, num dezembro chovedor” (GSV, p. 87)

No excerto é patente, como se pode ouvir, o conflito de Riobaldo e sua tentativa de, pela linguagem, desmisturar “realidades psíquicas”.

Trabalhadas a metonímia, a partir das falas de Riobaldo sobre os olhos de Diadorim que lhe velavam o sono, e a “mistura de diadorins” – um verdadeiro e outro falso –, apontemos, de modo bem breve, a metáfora, parda metonímia e que também se inscreve no episódio da Guararavacã do Guaicuí.

Se na Guararavacã, se fecharam os destinos de Riobaldo, como ele próprio afirma – “Mas foi nesse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados” – (GSV, p. 220), lá também se daria uma “travessia de fantasmas”³⁴, parafraseando expressão do narrador, tão cara à psicanálise.

De novo, será na linguagem que se vislumbrará isso. Vale a pena perscrutá-la, no seu jogo de velar/revelar, como o que aconteceu com o trabalho metonímico.

Vejamos.

O discurso do narrador, surpreendentemente, alinha, através dos ordinais, **primeiro** e **segundo**, dois saberes que se efetivaram na Guararavacã do Guaicuí: “**Primeiro**, fiquei sabendo que gostava de Diadorim de amor mesmo amor, mal encoberto de amizade” (GSV, p. 220) e “**Segundo**, (...) [que] mataram Joca Ramiro” (GSV, p. 222-224). Matreiramente o inconsciente se “defende”: o **segundo** destino a ser fechado é atrasado e encoberto no fluxo verbal, conforme se pode verificar pela paginação e pelo despiste de empregar o significante “segundo” como conjunção conformativa (“Segundo digo”), solicitando do leitor que o veja como numeral ordinal apenas pela ausência de uma seqüência para o “primeiro”, enunciado logo no início do discurso da

Guararavacã – retórica típica da resistência do afloramento inconsciente...

Se o amor de Diadorim já se colara ao amor materno, através da metonímia dos olhos e de estranhas e familiares fantasias, conforme vimos, a questão do parricídio se metaforizará na morte mesma do grande chefe do bando e pai de Diadorim... Essa metáfora do parricídio, mais direta quanto a seu desvendamento, dificultada apenas pelo adiamento no discurso do narrador, de algum modo, forma um par coma metonímia do incesto que, valendo-se dos olhos de Diadorim, par amoroso e da Bigri, mãe, referenciando, pois, o todo pela parte, acaba desembocando também numa metáfora, que faz convergir e condensa dois afetos. Nesse sentido, confirma-se o ponto de vista lacaniano, quando diz: “A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia.”³⁵

Dessa forma, no simbólico da linguagem, paradigma ela mesma da estrutura do inconsciente, segundo Lacan, Riobaldo cumpre seu duplo destino edípico – ali eles “foram fechados”, como conta o próprio narrador.

O desejo por Diadorim, até então denegado e, naquele lugar mítico, assumido como letra, figuraria, simbolicamente, o incesto que, ao lado do parricídio, representado pela notícia do assassinato de Ramiro, faria que o sujeito realizasse, pela linguagem, sua travessia pelo Édipo. Nessa travessia é que o sujeito se constitui – marca sua individuação e se faz valer como societário –, já que, suportando a lei paterna, vivendo o “nome-do-pai”, busca inscrever-se na cultura e na sociedade.

Por isso, será em nome desse pai, de uma lei, que marchará doravante a jagunçada no seu projeto de vendeta.

A marcha jagunça, pois, a partir da Guararavacã, será objeto de narrativa mais linear/cronológica, comparativamente à até então feita, cheia de antecipações e prospecções, com “seu eixo fncado no presente dialogal”, como se lê em Benedito Nunes.³⁶

Aí, também, o romance atravessa para uma segunda parte, tendo sofrido essa passagem exatamente em seu meio, no meio da narrativa, aspecto importante da “gramática” do autor, como já adiantamos.

³³ LAPLANCHE e PONTALIS. Fantasias originárias em *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 174-176.

³⁴ Referindo-se ao pacto, Riobaldo perguntará: “Ao que fui, na encruzilhada, à meia-noite, nas Veredas Mortas. Atravessei meus fantasmas?” (GSV, p. 365)

³⁵ LACAN, J. op. cit., p. 510.

³⁶ NUNES, op. cit., p. 21.

Insista-se, na pauta desta nossa leitura, que, se a primeira parte foi marcada por uma inscrição importante da mãe, através de muitos significantes, como vimos frisando, a parte iniciada, ou a narrativa reiniciada, a partir do que aqui se chamou “os dois saberes de Riobaldo”, terá a marca da função do pai que, então, se inscreverá, através de muitas metáforas, condensadas nas figuras dos chefes do bando, a partir da morte de Joca Ramiro.

Perceba-se que Riobaldo, denegando a bastardia, fugiu de Selorico Mendes, pai-padrinho “real”; foi acolhido por Bebelo, a quem admirou e de quem também se enfiou, tendo-se espelhado nele, inúmeras vezes, de tal ordem que a figura bebélica povoava sempre seu imaginário. No entanto, Joca Ramiro foi, no discurso do narrador, aquele pai “simbólico”, cuja “sombra que a lamparina arriava na parede, se trespunha diversa, na imponência, pojava volume” (GSV, p. 91), dissera Riobaldo, ao tê-lo conhecido na São Gregório, na madrugada de Siruiz, insinuando, com o discurso, a figura da projeção (da sombra na parede) idealizada (no “trespunha diversa”, na “imponência” e no “pojava volume”). Morto, portanto, esse pai, na Guararavacã Riobaldo declara: “Joca Ramiro morreu como o decreto de uma lei nova” (GSV, p. 227), inscrevendo, pois, no seu próprio discurso, a figura da lei estabelecida pela morte do chefe. Da horda patriarcal, a partir da qual Freud argumenta quanto às primícias da organização social?³⁷

Tendo afirmado, depois de morta a mãe, que sua “vida [mudara] para uma segunda parte” (GSV, p. 87), morto Ramiro, Riobaldo dirá: “Mas, agora, tudo principiava terminado” (GSV, p. 227) e, então, será o romance que mudará para sua segunda parte, como se uma nova ordem, percebida na própria narrativa, se inscrevesse na linguagem, simbólica e metaforicamente; como se, ao “decreto de uma lei nova”, se acoplasse o decreto de uma narrativa mais linear, menos descontínua, mais “cronológica”, menos “atropelada” pelas “fusões”.

Sob essa óptica, pois, para a Guararavacã do Guaicuí, episódio rosianamente narrado no meio de *Grande sertão: veredas*, parece, pois, convergirem:

do ponto de vista estético-estilístico, as duas grandes figuras retóricas – a metonímia e a metáfora – que dali iluminam, respectivamente, os deslocamentos da narrativa que precedem o episódio em questão e as condensações importantes na marcha jagunça que a partir dali se dará e que, segundo a psicanálise “conformariam” o discurso do inconsciente, estruturado como linguagem;

do ponto de vista psicanalítico, as figurações do desejo da/pela mãe e da função paterna ou nome-do-pai,

responsáveis, respectivamente, pela individuação do sujeito e por sua inscrição no projeto civilizatório e o sempre conflito do homem humano que é a travessia do pulsional para sua regulação.

do ponto de vista metaliterário, o próprio mito, como narrativa fundadora de outras narrativas da experiência e de formação.

Através desta análise de inspiração psicanalítica, com base estritamente nos significantes que conformam o discurso do narrador Riobaldo, gostaríamos de concluir, reafirmando que se, na Guararavacã do Guaicuí, os destinos do narrador se fecharam, para o leitor o episódio se abre em perspectiva iluminadora de uma leitura de *Grande Sertão: veredas*.

Referências

- BENVENISTE, ÉMILE. *Problemas de linguística geral*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 1989. v. II.
- COUTINHO, Eduardo G. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Coleção Fortuna Crítica, 6).
- DUARTE, Lélia P.; ALVES, M. Theresa Abelha. *Outras margens*. Estudos da obra de Guimarães Rosa. Belo Horizonte: PUCMinas/Autêntica, 2001.
- FREUD, S. *Recordar, repetir e elaborar* (1914). Trad. José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (ESB, 12).
- FREUD, S. *Totem e tabu e outros trabalhos*. (1913 [1912-13]). Trad. Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (ESB, 13).
- FREUD, S. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (1918 [1914]). Trad. Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 17).
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- GREEN, Andre. *O desligamento*. Psicanálise, antropologia e literatura. Trad. Irene Lubria. São Paulo: Imago, 1992.
- GOBBI, Márcia V. Z.; LEONEL, M. Célia; TELAROLLI, Sylvia (orgs). *Narrativa e representação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit, 1963.
- LACAN, J. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEITE, Dante Moreira. Apud MENESES, Adélia Bezerra de. *Cores de Rosa*. Ensaios sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010. p. 21.

³⁷ FREUD, S. *Totem e tabu e outros trabalhos*. (1913 [1912-1913]). Trad. Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (ESB, 13).

- LEMAIRE, Anika. *Jacques Lacan. Uma Introdução*. Trad. Durval Checchinato. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- LIMA, Luiz Costa. O mundo em perspectiva. In: COUTINHO, Eduardo G. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 500-513. (Coleção Fortuna Crítica, 6).
- LORENZ, Gunter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo G. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97. (Coleção Fortuna Crítica, 6).
- MARI, H.; WALTY, I.; FONSECA M. Nazareth. *Ensaio sobre leitura*. Belo Horizonte: PUCMinas, 2007. v. 2.
- MENESES. Adélia Bezerra de. *Cores de Rosa*. Ensaio sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- MORAIS, Márcia Marques de. *Travessias do sujeito*. As representações da subjetividade em “Grande sertão: veredas”. Tese (Doutorado) – Depto. de Teoria Literária e Literatura Comparada, USP, 1999. 262 p.
- MORAIS, Márcia Marques de. *A travessia dos fantasmas*. Literatura e psicanálise em “Grande sertão: veredas”. Belo Horizonte: Autêntica/PUCMinas, 2001.
- MORAIS, Márcia Marques de. Riobaldo e suas más devassas no contar. In: DUARTE, Lélia P.; ALVES, M. Theresa Abelha. *Outras margens*. Estudos da obra de Guimarães Rosa. Belo Horizonte: PUCMinas/Autêntica, 2001. p. 151-172.
- MORAIS, Márcia Marques de. “– Ali, meus destinos foram fechados”: uma leitura em perspectiva de *Grande sertão: veredas*. In: GOBBI, Márcia V. Z.; LEONEL, M. Célia; TELAROLLI, Sylvia (orgs.). *Narrativa e representação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 33-44.
- MORAIS, Márcia M. *Grande sertão: veredas – uma leitura em perspectiva de romance*. In: MARI, H.; WALTY, I.; FONSECA M. Nazareth. *Ensaio sobre leitura*. Belo Horizonte: PUCMinas, 2007. v. 2. p. 257-268.
- NUNES, Benedito. A matéria vertente em *Seminário de Ficção Mineira II*: de Guimarães Rosa aos nossos dias. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1983. p. 9-29.
- PASSOS, Cleusa. *O outro modo de mirar*. Uma leitura dos contos de Julio Cortázar. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PASSOS, Cleusa Rios P. Passos. *Confluências – crítica literária e psicanálise*. São Paulo: Edusp/Nova Alexandria, 1995.
- PASSOS, Cleusa Rios P. *Guimarães Rosa*. Do feminino e suas estórias. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, 2000.
- PASSOS, Cleusa Rios P. *As armadilhas do saber*. São Paulo: Edusp, 2009.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivainha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. *Trilhas no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação/MEC, 1958.
- ROSA, J. Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1965.
- ROSENFELD, K. *Os descaminhos do demo – tradição e ruptura em GS: V*. São Paulo: Imago/Edusp, 1993.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- SCHWARZ, Roberto. *A sereia e o desconfiado*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- SPERBER, Suzi Frankl. O tema do centro: as articulações com a macroestrutura. In: *Guimarães Rosa: signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.
- UTÉZA, Francis. *Metafísica do Grande sertão*. Trad. José Carlos Garbublio. São Paulo: EDUSP, 1994.

Recebido: 05 de março de 2011
 Aprovado: 24 de abril de 2011
 Contato: mmorais@pucminas.br